

Foto 06

Essa foto foi retirada da reportagem realizada pela Revista VEJA (2003) sobre homossexualidade e representa a família homossexual masculina. Ela foi escolhida por representar mais uma composição familiar

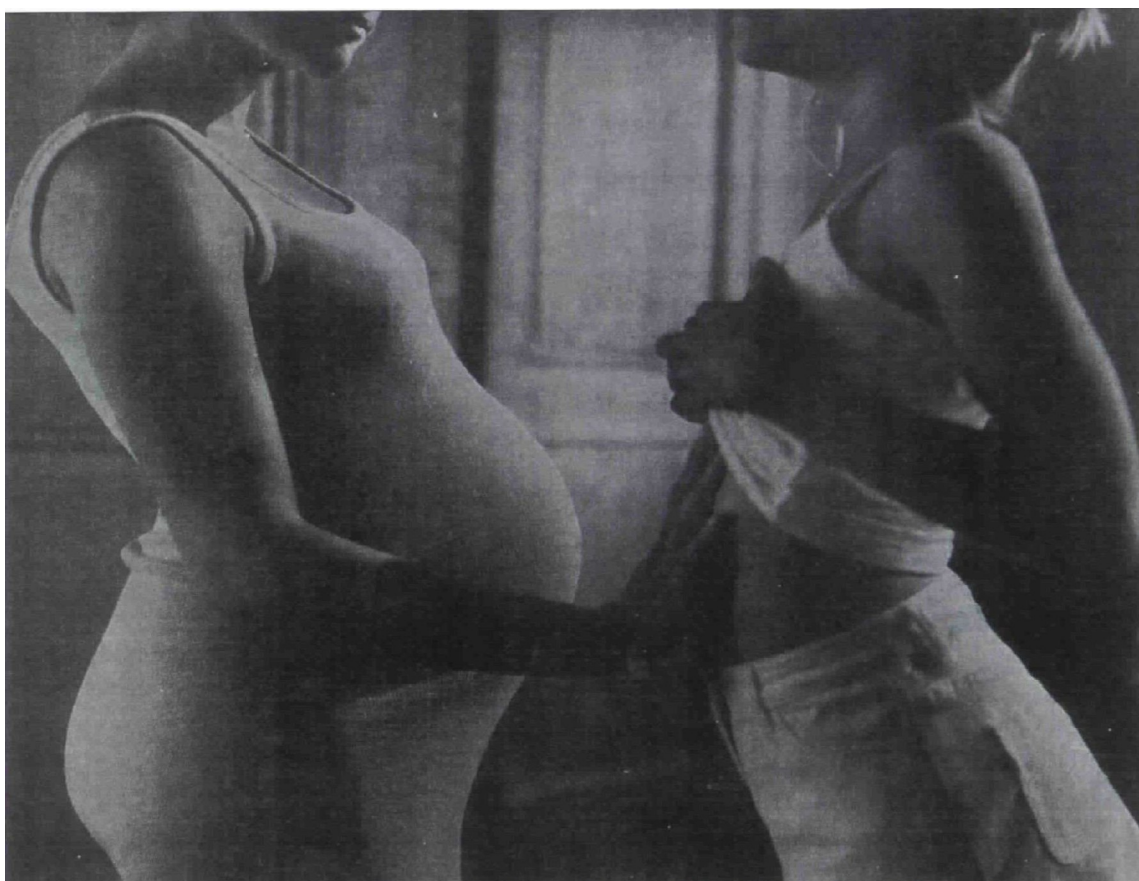
Foto 07



A foto 7 foi selecionada por apresentar uma mulher com duas crianças, o que pode vir a representar uma mãe e / ou uma avó.

Foto 08

Essa foto foi escolhida, por conter o casal com os filhos e poder vir a ser representativa da família nuclear e que ainda se encontra arraigada no pensamento das pessoas. A foto foi retirada de uma propaganda de vendas de loteamento veiculada no Jornal Folha de São Paulo (2004).

Foto 09

A foto número nove foi selecionada porque pode vir a representar a preocupação com a composição familiar imatura: a mulher grávida, sem rosto, tanto pode ser uma adolescente como pode ser a mãe da outra adolescente da foto.

Foto 10

Essa foto foi selecionada por apresentar em seu quadro um homem, embalando uma criança na cadeira de balanço, num momento de lazer e liberdade.

Foto 11

Essa foto também foi retirada de um livro didático da 1ª série, “História e Geografia 1” (VESENTINI, 2001), por conter imagem representativa de composição familiar que lustra a família tradicional que existia em torno de 1932, na qual o pai, de pé, representava a autoridade sobre a esposa e os filhos.

Foto 12

Essa foto foi capa de um filme denominado “What Makes a Family” (De que é feita uma família). Retrata uma relação homossexual feminina e o desejo de ser mãe, de uma das companheiras, e seu objetivo em fazer parte do álbum se vale pelo fato de mostrar um casal homossexual feminino.

3.6 - PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados advindos das falas das professoras foram analisados qualitativamente, sob o prisma da Análise de Conteúdo de Bardin (1975), a partir da criação de categorias por semelhança de resposta, percentuais das mesmas, frequência, destacando-se, também, as falas por vezes qualitativamente diferente e/ ou similares umas das outras. A Análise de Conteúdo se refere a uma técnica de pesquisa, que é utilizada para analisar discursos diversificados, consistindo na manipulação de mensagens que se encontram nas falas dos participantes de uma pesquisa, visando a obter indicadores que podem ser quantitativos ou qualitativos, permitindo a inferência sobre uma realidade, que não a da mensagem (BARDIN, 1975).

CAPÍTULO 4 - RESULTADOS

Neste capítulo foi realizada a categorização dos dados, a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 1975). As respostas foram separadas por situações e categorizadas por semelhança de idéias, facilitando um melhor entendimento dos dados coletados. Salienta-se, também, que as iniciais que aparecem ao final de cada resposta mostrada para exemplificação não correspondem às iniciais dos nomes verdadeiros das professoras participantes da pesquisa, para que suas identidades pudessem ser preservadas.

4.1 – RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

INSTRUMENTO 01 - SITUAÇÃO COTIDIANA / ESCOLAR

Ao ser apresentada a situação cotidiana / escolar às professoras, esperava-se que houvesse a presença de empatia para responder a primeira parte do instrumento, visto que elas deveriam se colocar no lugar de Carolina, a criança descrita na situação. Em momento algum foi mencionado, no contexto relatado pela situação vivida por Carolina, como era a organização familiar dela. Tais aspectos poderiam ser observados de modo implícito, a partir da interpretação de cada uma das participantes do estudo. Desta maneira, as respostas dadas tanto para a parte um, situando as professoras no lugar de Carolina, quanto na parte dois, quando elas retornam aos seus lugares de professoras, evidenciaram as Representações Sociais presentes no pensamento delas.

Em relação às respostas obtidas para a questão “Qual seria sua reação, se estivesse no lugar de Carolina?”, pôde-se verificar certa dificuldade, por parte das professoras, em responder, ou seja, em imaginar quais sentimentos, sensações e pensamentos afloram na individualidade do ser e como reagiriam, caso a situação acontecesse com elas. Algumas professoras chegaram a comentar, verbalmente, o quanto estava sendo difícil se reportar ao lugar do outro.

Interessante foi observar as reações quando da aplicação do instrumento, visto que houve a necessidade da professora parar e refletir sobre a situação; momento esse, de reflexão, que raramente acontece, considerando-se que a professora tem um programa a ser cumprido, conteúdos a serem ministrados e, sem que se dê conta, está dentro de um processo relacional que transcende a esses limites conteudistas; e essa parada, é necessária. Comentários do tipo “isto é o que mais acontece na escola”, ou “coitada desta menina”, foram citados por algumas das professoras participantes da pesquisa. Algumas se sentiram pouco a vontade para se colocar no lugar de Carolina (criança da situação) e acharam mais fácil se posicionar como se fossem professoras da Carolina.

Tabela 01
Qual seria sua reação, se estivesse no lugar de Carolina?

Categorias	Respostas (N)	Porcentagem (%)
 Reagiria do mesmo jeito que Carolina, não participando das atividades propostas / Seria retraída/ tímida.	08	50
 Buscaria ajuda com as professoras, colegas e até com a mãe.	04	25
 Sentiria desestimulada por falta de apoio da Família.	04	25
Total	16	100

A partir das respostas pôde-se observar que 50% das professoras, ou seja, metade da amostra estudada teria o comportamento que parece refletir a “fragilidade” da criança; o que pode demonstrar a necessidade do cuidador adulto em estar despertando e estimulando a autonomia necessária ao indivíduo. Pode se inferir que talvez esperassem que alguém notasse sua pouca participação para que alguma iniciativa fosse tomada. Como justificativa para essa maneira de agir, foram apresentadas as seguintes respostas:

Em 1º lugar com certeza a apatia da Carolina se deve ao fato do descaso dos pais em relação a ela. Eu acho que reagiria da mesma forma, visto que para que eu iria participar de festividades sabendo que meus pais não iriam presenciar as minhas habilidades (C. 39 anos).

Se eu estivesse no lugar de Carolina continuaria manifestando o meu jeito de ser (B. 41 anos).

Na segunda categoria de respostas, observou-se que 25% das professoras entrevistadas já teriam uma postura diferenciada, ou seja, não se contentariam com a situação vivenciada, de ficarem de fora das atividades propostas pela professora e, então, procurariam chamar a atenção da mesma para que alguma providência fosse tomada. Exemplos para ilustrar essa observação puderam ser encontrados nas seguintes falas:

Minha reação seria inversa. Faria tudo para chamar a atenção da professora e até de minha mãe. Eu seria extrovertida, inquieta e participativa (M. 38 anos).

Eu conversaria com a professora, colocando as minhas insatisfações para que a mesma pudesse me ajudar (Y. 44 anos).

Em relação à terceira categoria, também foram obtidos 25% de respostas, alegando que se sentiriam desestimuladas em função da falta de apoio familiar. As falas abaixo ilustram as justificativas dadas pelas professoras da pesquisa:

No lugar de Carolina me sentiria sem apoio e estímulo para lutar por uma condição melhor em minha vida. Me sentiria sozinha e sem vontade de participar, pois minha família não se importa (G. 34 anos).

Me sentiria muito mal, visto que não encontra o apoio da família. O pai é uma pessoa ausente e a mãe não se preocupa com as dificuldades enfrentadas por ela e ainda faz comparações com o pai (A. 42 anos).

Ao se tomar como referência as respostas obtidas, caso elas fossem a criança da situação, pôde-se perceber, de modo implícito, “o jogo do empurra – empurra”, no qual a escola culpa os pais pelo modo como seus filhos se comportam; e os pais que acabam deixando para a escola, toda a responsabilidade de educar seus filhos (WAGNER, 2003; FUNDAÇÃO ITAÚ, 2002; LAROCCA, 1999).

A impressão que se tem é que a escola e a família caminham, ainda, em linhas paralelas, não favorecendo, deste modo, que o indivíduo possa enfrentar as adversidades surgidas em seu contexto. Dessa forma, evidenciou-se, nas três categorias de resposta, o pensamento de que a família, ainda que venha passando por transformações, deve ser colocada como de extrema importância na vida das pessoas, e quando ela não cumpre uma de suas funções, que é a de oferecer assistência para o desenvolvimento do indivíduo, percebe-se uma incompletude em relação ao desempenho educacional. Essa característica pode ser evidenciada através do estudo de Wagner (2003) e pela pesquisa realizada pela Folha de São Paulo, em 1998, na qual as pessoas colocam a família como sendo mais importante do que o casamento, por exemplo.

Pode-se inferir, ainda, a partir dessas considerações, que se colocar no lugar do outro implica em rever os próprios comportamentos, permitindo que, com olhos alheios, possa-se, pelo menos em parte, tentar entender o que acontece com as pessoas ao terem que enfrentar determinadas situações, como a “falta de tempo” dos pais, não participação da criança nas atividades, por exemplo.

Na segunda parte da situação 01, na qual as participantes do estudo retomam seus lugares de professoras da Carolina, ou seja, elas deixam o lugar do outro e retornam ao papel profissional, foram obtidas as seguintes categorias de respostas:

Tabela 02
Enquanto professora, qual seria sua reação ao receber um bilhete como este?

Categorias	Respostas (N)	Porcentagem (%)
 Mudaria o jeito de trabalhar com Carolina	07	43,75
 Procuraria ajuda especializada / direção da escola	05	31,25
 Procuraria a família	03	18,75
 Assumiria o papel de mãe de Carolina	01	6,25
Total	16	100

Ao se observar atentamente as respostas das professoras, verificou-se uma mudança de postura ao tomarem conhecimento do bilhete enviado pela mãe de Carolina, tanto que elas relataram, em sua maioria - 43,75% - que mudariam o jeito de lidar com Carolina, com o propósito de fazê-la participar mais das atividades, juntamente com seus colegas:

Eu mudaria o tratamento em relação à Carolina. Passaria a trabalhar as suas dificuldades, as suas retrações de maneira diferente. Sabendo que não poderia contar com os pais, trataria de aprimorar os incentivos, procurando desenvolver na criança algum tipo de habilidade, que com certeza está implícita nela (C. 39 anos).

A escola há muito deixou de ser mero lugar que transmite educação, hoje a escola é em muitos casos o único ambiente em que as crianças recebem orientação para vida, valores, educação e amor; o professora atual é antes de mais nada, psicólogo e que ao ler esse bilhete, eu mudaria minha postura educacional, buscaria incentivá-la com atividades, variadas onde despertasse interesse e acima de tudo usaria a sensibilidade em minhas atitudes, e ainda buscaria ajuda familiar (E. 32 anos).

Em segundo lugar, 31,25% das professoras procurariam ajuda da direção e, caso isso não resolvesse, encaminhariam Carolina para uma ajuda especializada. Foi notório perceber uma mudança na atuação pedagógica das professoras e a mesma pôde ser caracterizada, a partir da exemplificação abaixo:

Necessário buscar ajuda da equipe escolar, supervisora, orientadora. Incentivar a criança no trabalho em grupo, dar atenção especial, trazendo a criança ao convívio grupal. E se nada funcionar, procurar ajuda especializada (O. 37 anos).

Achei que a professora demorou muito tempo para entrar em contato com a família de Carolina. Continuaría procurando ajuda com alguns especialistas para ajudar a Carolina (B. 41 anos).

A terceira categoria de resposta apresentou um percentual de 18,75%. Essas docentes responderam que procurariam a família, na tentativa de promover uma integração entre a família e a escola. A justificativa para essa resposta pôde ser visualizada a partir do exemplo:

Depois que tentou três vezes, pediria ajuda à diretora e chamaria os pais pessoalmente, não através de bilhete e tentaria mostrar, falar para eles onde eles podem estar errando, talvez o jeito de agir pode estar afetando, a falta de atenção (P. 30 anos).

Teria entrado em contato com a família já há mais tempo. E sendo que a família não pode ajudá-la, faria eu mesma o melhor que pudesse. Primeiro descobriria a empatia da qual leva a criança a ser assim. Dava-lhe muito amor e carinho (J. 39 anos).

Mesmo tendo aparecido somente em uma resposta, o que corresponde a 6,25%, foi importante destacar a fala de uma professora que declarou abertamente que assumiria o papel de mãe de Carolina:

Ficaria desalentada, pois hoje sinto que a família abandona suas responsabilidades. Relega seus filhos e seu futuro a último plano. Coloca nas mãos da escola e dos professores funções que dante eram suas. Para não deixar esta criança abandonada faria eu o papel de mãe tentando estimular, apoiar e mesmo comprar a confiança desta criança, pois se ela confiar em minha pessoa, conseguirei mudar pelo menos algo em sua vida (G. 34 anos).

Ressaltou-se a dimensão desse dado, porque ao assumir o papel de mãe da criança em questão, como ficaria a atuação enquanto professora? De que maneira se daria a relação professor – aluno? Dentro de uma análise geral da segunda parte do instrumento número 01, a partir das categorias exemplificadas ao longo do texto, tem-se que, uma vez que é sabido que as interações entre escola – família – sociedade, bem como as heranças socioculturais (hábitos, costumes, crenças e preconceitos) são de fundamental importância tanto para o aluno, quanto ao que é transferido para a instituição escola, faz-se necessário situar tais questões no processo de ensino-aprendizagem (DONATONI, 2002). É inegável a influência que um professor exerce sobre seus alunos, principalmente no ensino fundamental, em especial, nas quatro séries iniciais. Não há como compreender a educação, deixando de lado a análise das relações sociais estabelecidas entre professores e alunos. Assim, cada vez mais se torna amplo o papel e a responsabilidade assumidos pela escola e por seus protagonistas, os professores.

Vale salientar a discrepância percebida entre as respostas emitidas para a situação cotidiana, tanto na primeira quanto na segunda parte. Quando assumem o papel de professoras, mostram-se voltadas para o atendimento das necessidades da criança. Mas, ao se colocarem no lugar do outro, há uma certa dificuldade, porque a troca de papéis implica na visualização do fenômeno, com olhos de outrem. Daí a necessidade de um trabalho que faça a interlocução entre família e escola, fazendo com que pais e professores sintam o quanto são responsáveis pela educação de crianças e jovens. Profissionais como psicólogos educacionais, assistentes sociais, pedagogos, através de uma equipe multidisciplinar, seriam alguns dos profissionais aptos a auxiliarem nesse trabalho entre família e educação.

Independente da configuração familiar, tanto a família quanto a escola exercem grande influência na educação dos indivíduos e, deste modo, é importante que estabeleçam uma relação de colaboração pautada na cooperação e respeito mútuo, que se reflita positivamente na vida escolar dos alunos. O conhecimento oferecido pela escola deve permitir às crianças e jovens, que dela participa, uma compreensão do mundo para que possa atribuir um sentido. Porém, isso somente será possível quando a escola se abrir, atravessar seus muros e fizer um movimento para conhecer a comunidade que existe ao seu redor. No entanto, cabe também à família, buscar a equipe escolar para compreender as dificuldades enfrentadas pela escola, para que juntas, possam solucionar os problemas existentes (FUNDAÇÃO ITAÚ, 2002).

Conclui-se, com este primeiro instrumento, que a teoria das Representações Sociais apresenta novas possibilidades de se repensar a prática pedagógica e a imagem de família que se tem, primeiramente, porque vai contra uma epistemologia do sujeito “puro”, ou de uma epistemologia do objeto puro, centrando seu olhar sobre a relação entre os dois. Ao fazer isso, ela recupera um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto mundo, é capaz de construir tanto o mundo quanto a si mesmo (GUARESCHI E JOVCHELOVITCH, 2002). Portanto, dentro da análise das respostas obtidas com o primeiro instrumento, Situação Cotidiana / Escolar, a teoria das Representações Sociais contribui em virtude de proporcionar à escola (professores, diretores, coordenação) e à família (pais e filhos) a oportunidade de repensarem suas ações e relações. Independente da cultura na qual se está inserido, sempre haverá pontos de tensão e é ao redor desses pontos de “ruptura” no sistema representacional de uma cultura, que novas representações emergem. Desta forma, o fenômeno das representações está ligado aos processos sociais implicados com diferenças existentes na sociedade (MOSCOVICI, 2003).

4.2 – RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

INSTRUMENTO 02 - SITUAÇÃO NOTÍCIA

A intenção de se utilizar um fato social do cotidiano possibilitou o conhecimento acerca do pensamento das professoras, no sentido de perceber de que maneira a realidade social é apropriada por elas, para que possam construir suas Representações Sociais e fornecer as respostas ao instrumento apresentado. Reforça-se que as representações não são criadas por um só indivíduo, mas uma vez criadas, elas adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem, oportunizando o nascimento de novas representações, ao mesmo tempo em que velhas representações morrem. Em consequência, para que se possa compreender e explicar uma representação existe a necessidade de se começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

Destaca-se que, uma representação, muitas vezes, condiciona ou até mesmo responde a estas representações, e isso é assim não porque ela se refira a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, acaba por constituir uma realidade *sui generis*. Quanto mais sua origem é esquecida, e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna (MOSCOVICI, 2003).

A partir dos dados coletados, as respostas puderam ser categorizadas da seguinte maneira:

Tabela 03
Em sua opinião, o que é a falta de estrutura que a notícia está retratando?

Categorias	Respostas (N)	Porcentagem (%)
 Ambos os pais trabalham e filhos ficam relegados a terceiros	06	37,5
 Falta de religião / Deus	04	25
 Pais não assumem responsabilidade para com os filhos	02	12,5
 Falta de amor	02	12,5
 Desigualdade social	02	12,5
Total	16	100

Observou-se que, neste item, a maioria das professoras (37,5%) alegou que a falta de estrutura das famílias se deve ao fato de ambos os pais terem que sair para trabalhar, não dispondo de tempo necessário para cuidar de seus filhos, deixando-os para serem cuidados por terceiros, que podem ser classificados como babás, empregadas, creches, pré-escolas. Exemplos de respostas apareceram nas seguintes falas:

Na atualidade muitas famílias não encontram tempo para cuidar dos seus membros. Os pais trabalham fora e a educação dos filhos fica por conta de empregados, familiares ou instituições públicas como a creche (A. 42 anos).

A família atualmente vive o caos da vida moderna. Os pais têm que sair para o trabalho, deixando os filhos com babás, parentes, creches ou até sozinhos. As crianças sem orientação crescem vendo na televisão violência, desenhos violentos e acham que isso é normal (O. 37 anos).

Essa necessidade de trabalhar fora ocasionou uma ruptura no tecido familiar, tendo em vista que historicamente a família estava organizada para ter um de seus progenitores sempre

perto das crianças. No século XX, aproximadamente, nas décadas de 50 e 60, algumas mudanças tiveram um caráter fundamental nos processos de organização familiar e, tais mudanças podem ser observadas nos dias de hoje. Nos anos setenta e oitenta já começavam a acontecer os divórcios, o casamento passava a não ser uma exigência para que o casal morasse junto e tivesse filhos. Com o advento da pílula anticoncepcional, a revolução sexual e a entrada da mulher para o mercado de trabalho surgiu a necessidade da família e da sociedade reverem suas estruturas (PROCAP, 2001)

Diante dessas questões é possível perceber quantas mudanças aconteceram na dinâmica familiar; mudanças não só de caráter histórico, mas também, de caráter funcional. Em todas estas transformações, a mulher - mãe e esposa- teve sua função mais fortalecida, pois ao entrar para o mercado de trabalho, ela deixou de ser apenas dona de casa para se tornar também, a dona da casa. Em outras palavras, a mulher passou a ser destaque na dinâmica familiar e o pai se viu nessa função, perdendo espaço dentro da estrutura (CIRINO, 2001).

Em relação aos filhos, eles ficam menos tempo com seus pais ou sua família, tornam-se mais independentes e passam a ficar mais sob cuidados terceirizados (escolas, creches, por exemplo). Exemplos de respostas demonstraram o quanto ainda está arraigado ao pensamento das professoras a questão de organização familiar nuclear, pois ao culparem a saída dos pais para trabalhar, não conseguiram vislumbrar as conquistas positivas que foram conseguidas com a entrada da mulher para o mercado de trabalho, tais como a independência financeira, a realização profissional:

Na atualidade muitas famílias não encontram tempo para cuidar dos seus membros. Os pais trabalham fora e a educação dos filhos ficam por conta de empregados, familiares ou instituições públicas como as creches. A falta dos pais nas horas mais importantes da criança pode causar desequilíbrios que as prejudicarão no futuro (A. 42 anos).

A segunda categoria onde foi obtido um quantitativo de respostas significativas refletiu a questão da religiosidade que deve estar presente na composição familiar. De acordo com 25% das professoras, a desestrutura familiar se deve à falta de religião, falta de Deus.

Na minha opinião, a falta de estrutura familiar é a priori a falta de crer em um Deus que tudo pode. Depois com certeza o descaso dos governos que fazem, com suas leis, que aumente ainda mais as desigualdades. Isso faz com que as famílias vivam uma vida atribulada, cheia de aflições, angústia, ansiedades, refletindo nos filhos. Pais que, devido às dificuldades não escutam e se escutam não entendem seus filhos e, nem têm paciência com os mesmos. Pais que, vêem como solução do problema beber, deixar a família, viver no mundo. Por isso que eu volto a frisar que a 1ª causa da falta de estrutura familiar com certeza é falta de crer em Deus que tudo faz e tudo pode (C. 39 anos).

É um lar com pais desequilibrados, que não possuem uma religião, emprego e muito amor (B. 41 anos).

Pode-se inferir que a religião foi percebida, pelas professoras, como um suporte para que a família consiga subsistir, apesar das transformações que a cada dia acontecem na vida dos indivíduos. Por ser uma instituição que agrega valores e que contribui para a construção das Representações Sociais por parte dos indivíduos, a religião, assim como a instituição família, acaba por influenciar no modo como os processos são criados pelos indivíduos, de maneira que seu pertencimento ao grupo social, bem como os valores, nos quais já estão acostumados a acreditar, estejam assegurados, não necessitando que se criem novas Representações Sociais.

Três categorias de resposta apresentaram o mesmo percentual. Das professoras entrevistadas, 12,5% acreditam que a falta de estrutura familiar retratada na notícia se refere, respectivamente, ao fato de os pais não assumirem responsabilidade para com os filhos; falta de amor e desigualdade social:

Acredito que seja a falta de interesse dos pais pelos filhos em geral. Os pais, hoje em dia, não se preocupam em estabelecer regras de boa conduta para as crianças e tampouco limites. Até

mesmo o básico, que é o “amor” está faltando. A família como símbolo de unidade, respeito e moral está deteriorada. É uma instituição falida, pois hoje em dia as pessoas estão mais preocupadas consigo mesmas e em satisfazer seus desejos. Ninguém quer ter responsabilidade. Família implica em ser responsável (G. 34 anos).

A falta dos pais nas horas mais importantes da criança pode causar desequilíbrios que as prejudicarão no futuro. Há alguns anos atrás, as mães eram responsáveis pela educação dos filhos e os acompanhava o tempo todo cuidando de suas necessidades físicas e psicológicas. Hoje elas se ausentaram e muitas vezes não tomam nem conhecimento das necessidades dos filhos (A. 42 anos).

Os pais hoje em dia não sentem a responsabilidade pelos filhos, acabam jogando para a escola toda a responsabilidade de educar, instruir (Z. 43 anos).

O que se pode deduzir dessas respostas? Como será que se pode definir responsabilidade para com os filhos? E falta de amor? Será que estaria relacionado, direta ou indiretamente, com a questão da desigualdade social? Necessário se faz entender que homens e mulheres vivem numa sociedade globalizada e capitalista que transmite a falsa idéia aos pais, de que atender às expectativas materiais dos filhos pode ser entendido como responsabilidade e amor para com eles. Esse processo é resultado das novas demandas sociais que traz conseqüências diretas na função educativa que deve ser exercida pela escola; pais e mães trabalham cada vez mais para atender às expectativas dos filhos, deixando para terceiros, a tarefa tanto de cuidar quanto de educar (WAGNER, 2003).

Neste sentido, a Psicologia Social auxilia não somente com a teoria das Representações Sociais, mas também, com relação à questão da expectativa. No âmbito da Psicologia Social tem-se a expectativa em relação ao comportamento do outro, visto que as pessoas são afetadas pelo modo como se relacionam entre si. A interação humana é de extrema importância para pautar a conduta do indivíduo em relação às outras pessoas (RODRIGUES, 2003). A interação gera uma comunicação e é a partir disso que as Representações Sociais passam a ser construídas. Portanto, ao se relacionar os resultados obtidos com a situação notícia e a teoria das Representações Sociais pôde-se concluir que o

mundo é percebido tal como é e todas as percepções, idéias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico e relacional em que se vive (MOSCOVICI, 2003).

4.3 – RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

INSTRUMENTO 03 - LETRA DA MÚSICA FAMÍLIA DO GRUPO TITÃS

Com os dados obtidos com a aplicação do terceiro instrumento, foi possível categorizar cinco níveis de respostas que demonstraram, através dessa linguagem cultural que foi a música, o quanto as representações de família estão permeadas de tradicionalismo. Por ocasião da aplicação do instrumento, algumas professoras comentaram: “*nunca havia prestado atenção na letra da música*”, “*a gente canta e fica repetindo sem pensar*”. Outras professoras comentaram que não conheciam a música. Quando elas não conheciam, a música era apresentada para ser ouvida, com a utilização de um gravador e em seguida, elas respondiam ao questionamento do instrumento. Referente às respostas obtidas, a tabela 4 apresentou os seguintes resultados:

Tabela 04
Que tipo de família a música estaria retratando, segundo sua percepção?

	Categorias	Respostas (N)	Porcentagem (%)
	Família tradicional	07	43,75
	Família unida	04	25
	Grupos de indivíduos que dividem o mesmo espaço	03	18,75
	Família com incertezas e conflitos	01	6,25
	Família sem Deus	01	6,25
	Total	16	100

A percepção pode ser definida como “processo pelo qual o indivíduo se torna consciente dos objetos e relações no mundo circundante, na medida em que essa consciência depende de processos sensoriais” (CABRAL E NICK, 1997, p. 269). Os processos sensoriais mencionados no conceito estariam diretamente relacionados aos órgãos do sentido e, no caso específico do terceiro instrumento, ressaltou-se a visão e a audição, pois permitiu às professoras participantes conhecerem e ouvirem a letra da música, para emitirem suas percepções a respeito da mesma.

Das professoras pesquisadas, 43,75% analisaram a letra da música, percebendo que estava sendo retratada a família tradicional. Em alguns relatos, a justificativa se baseou pelo fato de os personagens pai, mãe, filhos, vovó e bichos de estimação estarem presentes no mesmo contexto:

Eu acho que é a família tradicional, de cidade grande porque tem de tudo. E que valoriza muito o seio familiar, pelo que dá para perceber (Z. 43 anos).

A música retrata uma família tradicional, com hábitos comunitários de estarem juntos em horários como: mesa de almoço, ver televisão, ou seja, participam de anseios e desejos juntos. Ainda a questão de que filha de família não sai de casa, ou se sai, tem que se virar sozinha, sem auxílio dos pais, reforça os preceitos familiares forte. A música brinca em sua letra, porém, expõe uma necessidade de se resgatar esse modelo familiar, pois hoje as famílias não se constituem mais é cada um por si. Tomara que essa mania não dure por muito tempo (E. 32 anos).

Se trata de uma família tradicional com papai e mamãe juntos, vivendo a realidade da família brasileira com dificuldades financeiras e mostrando medo em sua própria casa (B.41 anos).

A segunda categoria apresentou um percentual de 25%, alegando que a letra estaria retratando a união da família. As respostas também se basearam no fato de estarem todos reunidos no mesmo espaço:

Acho que é uma família mais unida, tendo uma boa convivência, mais preocupado uns com os outros (P.30 anos).

Toda família traz consigo problemas, diferenças e confusões como as da música e entendo que ser família é isso aí, todos nós envolvidos num só objetivo. Que maravilhoso seria que todas as famílias tivessem essa união (W. 34 anos).

Fala da união da família, que estão sempre juntos, da insegurança das famílias no mundo de hoje (“Cadeado no portão”) (K.48 anos).

A partir da primeira e da segunda categoria, criadas a partir da aplicação do terceiro instrumento, verificou-se as Representações Sociais quando relataram em suas respostas, que se referia à união da família e à família tradicional. Observou-se que as respostas estavam ancoradas em Representações Sociais da família ideal, na qual cada pessoa tem uma função específica, sendo o pai, provedor e a mãe, do lar. A ancoragem é um processo que permite que se situe as representações em imagens que já são conhecidas e, principalmente, familiares. A música, nessas duas categorias, não causou “perturbação” na imagem familiar, pelo fato de abranger as pessoas “necessárias” à composição familiar. Ainda que a letra tenha sido utilizada num contexto permeado por inúmeras formas de organização familiar, o que se percebe nos dias atuais, como por exemplo as famílias homossexuais, monoparentais, entre outras, permeia o imaginário, a família tradicional.

A terceira categoria de resposta *Grupos de indivíduos que dividem o mesmo espaço*, apresentou um percentual de 18,75%, o que demonstrou que essas professoras já conseguem perceber a crítica subjacente na letra da música. Suas justificativas para essa categoria puderam ser exemplificadas com as seguintes falas:

Àquela família que apenas moram junto, que não compartilham dos problemas dos demais membros. É apenas uma porção de pessoas morando na mesma casa, sem amor, tolerância, amizade, respeito (M. 38 anos).

Uma família dos tempos de hoje onde cada indivíduo se preocupa somente consigo mesmo e com as aparências sociais. Vivem juntos, mas na verdade não se conhecem não se respeitam, apenas vivem juntos sob o rótulo de “família” (G.34 anos).

Neste ponto, o próprio conceito de família passou a ser alvo de questionamento por parte das professoras, ao mesmo tempo em que se pôde perceber que elas já possuem um olhar mais crítico a respeito deste termo. A questão do viver junto, denotou um certo comodismo, deixando transparecer que, ainda que os vínculos afetivos não mais existam, eles estão sob o rótulo de família, já que se encontram agregados no mesmo espaço.

As duas últimas categorias apresentaram o mesmo percentual de respostas, ficando com 6,25%, e suas justificativas se basearam no fato de a música estar retratando uma família com incertezas e conflitos e uma família sem Deus. Mais uma vez, a religiosidade permeou a percepção e o modo como elas compreendem e dão sentido ao mundo. As falas que exemplificam essa categoria de respostas foram as seguintes:

Uma família “normal” vivendo juntos e ao mesmo tempo separados cheios de conflitos, às vezes doenças, contas, medos da sociedade moderna (O. 37 anos).

Família sem Deus. Jesus é o Mestre do amor e quando nos entregamos a ele com sinceridade, fidelidade e santificação somos abençoados em tudo em nossas vidas. Amamos uns aos outros, suportamos uns aos outros e Deus sustenta a todos nós (Z. 43 anos).

Novamente, as Representações Sociais apareceram no sentido de afirmar que a família tradicional é que deve reger as normas da sociedade humana. É importante salientar que, ainda que seja uma linguagem utilizada nos momentos de lazer, já que se refere a uma letra musical, ainda assim, ela comunica algo a ser repensado. A música foi escrita em 1986 e, nesta época, a sociedade passava a incorporar novas formas de instituições familiares e a família tradicional já começava a questionar os valores que norteavam seu rumo. Neste momento de ruptura, tornava-se necessário rever os pensamentos e comportamentos e, ainda

que fosse através do momento de lazer, quando se retirou o som / música, ficou-se com o texto família a ser analisado, e foi justamente essa análise que interessou. A teoria das Representações Sociais, a partir dessa forma de comunicação e linguagem permitiu que fossem trazidos à tona os assuntos que incomodam para que algumas reflexões pudessem ser elaboradas a partir desse texto.

4.4 – RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

INSTRUMENTO 04 - ÁLBUM DAS FAMÍLIAS

4.4.1 – FOTOS CONSIDERADAS COMO REPRESENTATIVAS DE FAMÍLIA

O último instrumento aplicado às professoras participantes da pesquisa foi o Álbum das Famílias, devidamente explicitado no capítulo 02 (metodologia / instrumentos de pesquisa). A partir da observação da foto mais escolhida, pôde-se proceder à análise das Representações Sociais das professoras e foi notório perceber a necessidade do ser humano em possuir uma “certa” segurança frente ao grupo ao qual pertence; e Moscovici (2003), em sua teoria, argumenta que as pessoas aceitam os fatos ou percebem os comportamentos que confirmam suas crenças habituais. Houve a confirmação disso através da foto nº03, a mais escolhida, na qual está presente o casal com uma criança, seguida, respectivamente, das fotos nº02, 05 e 08, que apresentam as imagens: cuidador / criança; família extensa e casal com filhos passeando de bicicleta.

Para melhor detalhamento dos dados, apresenta-se, a seguir, o quadro com as fotos que foram escolhidas pelas professoras, a partir da seguinte informação: *o professor deverá escolher duas fotos que mais lhe chamam a atenção e responder a seguinte questão: o que essas imagens representam sobre família, para você?*

Tabela 05
O professor deverá escolher duas fotos que mais lhe chamam a atenção e responder a seguinte questão: o que essas imagens representam sobre família, para você?

Fotos Escolhidas como Representativas de Família		Respostas (N)	Porcentagem (%)
	Foto nº. 03	10	31,25
	Foto nº. 02	05	15,62
	Foto nº. 05	05	15,62
	Foto nº. 08	05	15,62
	Foto nº. 04	03	9,37
	Foto nº. 06	02	6,25
	Foto nº. 01	01	3,12
	Foto nº. 10	01	3,12
Total		32	100%

A escolha da foto nº03, por 31,25% das professoras, pôde ser analisada a partir do fenômeno da familiaridade que existe no contexto social e explicitado pela teoria das Representações Sociais. Moscovici (2003) afirma que, o que as sociedades pensam a respeito de seus modos de vida, os sentidos que conferem às suas instituições, bem como as imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu. Desta maneira, quando escolheram a figura contendo um casal com uma criança, confirmaram a “tradição” da família nuclear, que ainda permeia o imaginário social:

Foto número 3 representa a alegria do encontro, de estarem juntos, felizes e despreocupados (O. 37 anos).

Essa imagem representa que a família deve ser constituída de pai e mãe, permanecendo sempre juntos e unidos no amor sólido, mostrando o caminho e servindo de porto seguro para seus filhos (B. 41 anos).

Família feliz (precisamos buscar com unhas e dentes pela união, paz, prosperidade e amor em nossos lares e isso provém do Senhor) (Z. 43 anos).

Essas foram algumas das justificativas para a escolha da foto nº03 e que vieram a confirmar a questão da hegemonia da família nuclear em detrimento das famílias que possuem uma outra forma de organização. Moscovici (2003) alega que as idéias e crenças que possibilitam às pessoas viver se encontram encarnadas em estruturas específicas (igrejas, movimentos sociais, famílias) e são adotadas pelos indivíduos que fazem parte delas. O sentido que comunicam e as obrigações que recebem se encontram incorporadas em suas ações e exercem uma coação que se estende a todos os membros de uma comunidade. Dessa maneira, tudo aquilo que é não-familiar, tenderá a obrigar as pessoas a reverem seus conceitos e quiçá, suas próprias Representações Sociais.

No caso específico desse instrumento, não há como falar apenas da teoria das Representações Sociais; há que se mencionar, novamente, a respeito das pesquisas que versam sobre a temática família, bem como a respeito da formação de professores, visto que elas permitem o repensar da sociedade e das organizações familiares como um todo. Ao se retomar a justificativa de uma professora “*Essa imagem representa que a família deve ser constituída de pai e mãe, permanecendo sempre juntos e unidos no amor sólido, mostrando o caminho e servindo de porto seguro para seus filhos*”, pôde-se inferir que a família foi representada por sentimentos de união e segurança, remetendo novamente à temática

abordada por Passos (2002), no que se refere aos componentes particulares da composição familiar.

Ainda referente a essa parte do instrumento, as professoras deveriam nomear as imagens escolhidas como representativa de família e, os títulos dados às fotos também reforçaram a questão da hegemonia da família nuclear / tradicional. A título de exemplo, vale destacar os seguintes nomes para identificar a foto 03, a partir das falas das professoras: “A Família Feliz”; “O amor em família”; “A União da Família”. Falaram de sentimentos, como se apenas nessa organização familiar fosse possível conseguir momentos de alegria e boa convivência. Essa observação foi colocada, em virtude de, ao nomearem a foto, destacarem o fato de todos estarem sorrindo.

Três fotos receberam o mesmo quantitativo percentual, ficando como a segunda imagem mais escolhida pelas professoras participantes da pesquisa. As fotos de nº. 02, 05 e 08 apresentaram o percentual de 15,62% e suas imagens podem ser descritas, respectivamente: cuidador / criança (nº02); família extensa (nº05) e casal com filhos passeando de bicicleta (nº08). Para justificar a escolha das imagens, as respostas apresentadas foram as seguintes:

Foto 02:

O início de uma vida tem que acontecer com muita sabedoria e bênçãos (abençoar a criança em tudo e nunca amaldiçoá-la para que tenha um futuro brilhante) (Y. 44 anos).

O pai está ajudando o filho a andar, esse o papel da família, não fazer tudo para ele, mas sim orientá-lo, dar as “dicas” e coordenadas para ele caminhar sozinho. (K. 48 anos).

Foto 05

Demonstra a união que a família deve ter. A foto mostra essa união através das gerações, mesmo grande, ela permanece unida (A. 42 anos).

A família retratada em várias gerações, ela não se desfez, não se desmantelou com o passar do tempo. A foto transmite união, respeito e admiração para com os mais velhos (M. 38 anos).

Foto 08

Representa a família reunida que tira um momento de lazer, preocupados com saída com os filhos, assistindo televisão com os filhos, o que não acontece hoje em dia. Aqui na gravura mostra que eles estão felizes, mostra que eles estão sorrindo, que não estão com os filhos por obrigação, mas têm prazer em estar com eles. Os pais devem tirar um tempo de dedicação exclusiva para os filhos (K. 48 anos).

Harmonia, paz, todos envolvidos num só sentimento, união, que é o que está faltando nas famílias de hoje, felicidade e esperança de dias melhores (Z. 43 anos).

A partir das justificativas, pôde-se perceber, ainda, um movimento em busca do tradicionalismo, sempre frisando a manutenção da família tradicional. Isso ficou comprovado ao utilizarem termos como *demonstra a união que a família deve ter; a foto transmite união, respeito e admiração para com os mais velhos; união, que é o que está faltando nas famílias de hoje*. As fotos 05 e 08 pareceram mais evidentes em demonstrar a preponderância da família tradicional em detrimento de outras formas de organização familiar, visto que elas foram nomeadas, pelas professoras como “A Família Ideal”; “Mamãe, papai, precisamos de vocês”; “O bem estar da família”; “A família através dos anos”; “Saudade”; “Uma família de geração em geração”. Todos esses nomes permitem pensar que um indivíduo somente terá o seu desenvolvimento assegurado, se estiver em uma família, cuja organização esteja centrada na presença do pai e da mãe.

Todas as fotos foram analisadas, independente de terem apresentado um percentual relativamente baixo, em relação às demais imagens. A relevância de serem analisadas nesta pesquisa residiu no fato de serem imagens que parecem demonstrar que algumas das professoras pesquisadas já apresentam uma Representação Social de família que se encontra flexível a entender que existem outras formas de se organizar uma família e que, nem por

isso, deixa de ser uma família. A foto de número 04 apresentou um percentual de 9,37%, o que demonstrou uma flexibilidade e a possibilidades de novos desdobramentos para um diálogo mais aberto frente às transformações pela qual a família está atravessando. A imagem retratada na foto 04 pode ser descrita como uma mulher olhando para um bebê, com os olhos fixos; um no olhar do outro. As justificativas para a escolha da foto podem ser exemplificadas a partir das falas de algumas das professoras pesquisadas e foram descritas da seguinte maneira:

Foto número 4 representa o laço de mãe e filhos, carinho, proteção, calma. (O. 37 anos)

Foto 4 representa o amor, o carinho que uma mãe demonstra para com o filho, o que será sempre o alicerce de uma família (A. 42 anos).

Foto 04: o sentimento de amor estampado nos olhos do filho e da mãe (H. 33 anos).

As respostas evidenciaram, na escolha da foto 04, o quanto a mulher é valorizada como esteio da família, como provedora, genitora e a responsável por “mostrar o mundo” ao seu filho. É, ainda, responsável por transmitir a sensação de segurança necessária à criança. Desde que a mulher se tornou independente e buscou o seu espaço dentro do contexto social, seu papel ficou fortalecido, o que deu ênfase e destaque à sua participação, tanto na família quanto no mercado de trabalho (PASSOS, 2002; CIRINO, 2001; WAGNER, 2002). Isto evidencia que novas Representações Sociais de família começam a ser elaboradas, visto que, nessa participação efetiva da mulher no mercado de trabalho, não há lugar para representações arcaicas onde o homem é o único sustentáculo da organização familiar. Os nomes dados às imagens também levaram a pensar que novas representações estão sendo construídas, visto que eles receberam as seguintes denominações: “carinho”; “ternura”; “amor perfeito”.

A foto de número 06, que apresenta um casal masculino com duas crianças, obteve um percentual de 6,25% e as fotos de número 01 e 10 apresentaram um percentual de 3,12% cada uma. As justificativas foram exemplificadas a partir das seguintes falas:

Foto 06: Família é mais do que idéias pré-concebidas de casamento, família é atenção, limites, amor e responsabilidade (G. 34 anos).

Foto 01: A foto n.º1 indica o princípio de tudo, ou seja, somos preparados a viver e dar tom a vida, daí para a frente nós desenhamos nosso cotidiano. Jesus é maravilhoso em sua criação, e a vida não foi feita para vivermos só, os laços familiares devem estar cada vez mais presentes e mais fortes (E. 32 anos).

Foto 10: Não é pai, mãe e filhos (tradicionalmente falando). Mas família é amor, união, carinho, respeito, idealismo, compreensão, independentemente do tradicionalismo familiar (C. 39 anos).

A partir das imagens (fotos 06; 01 e 10), evidenciou-se formas de organização monoparental e formas alternativas de organização familiar, no caso da organização homossexual masculina. Passos (2003, p.19) menciona que a família monoparental não é uma produção exclusiva do século XX:

Em todas as épocas existiram famílias regidas apenas por um membro da parentalidade. No entanto, hoje ela adquire um outro estatuto social e psicológico, na medida em que convive com tantos outros tipos de grupo familiar, sem gerar estranhezas. Aliás, é preciso ressaltar que esta modalidade de família há muito se tornou usual no universo das camadas de baixa renda.

Em relação às famílias homoparentais, no caso do Brasil, o estatuto que rege essa forma de união apresenta leis distintas, se comparadas às leis francesas. Essa forma de união torna-se mais polêmica quando o modelo tradicional familiar questiona quais os princípios morais que serão utilizados para educar a criança membro dessa relação. Como ela irá compreender sua família constituída por dois homens ou duas mulheres, quando a grande maioria encontra-se representada por um homem e uma mulher. Neste caso, os nomes dados a essas imagens (06, 01 e 10), evidenciaram, mais fortemente, a questão de uma possível mudança das Representações Sociais: “amor acima de tudo e todos”; “compreensão e carinho”; “vida”.

4.4.2 – FOTOS CONSIDERADAS COMO NÃO REPRESENTATIVAS DE FAMÍLIA

Na seqüência, passa-se a analisar as respostas para a segunda parte do quarto instrumento, no qual as professoras deveriam escolher uma foto que, na opinião delas, não fosse representativo de família, justificando a foto escolhida e nomeando a mesma. O quadro abaixo oferece um panorama quantitativo das respostas obtidas, o que facilitará o entendimento da análise qualitativa.

Tabela 06
Escolher uma foto da qual não gostou, explicando quais as representações que a foto lhe traz, que faz com que ela não seja escolhida.

Fotos Escolhidas Como Não Representativas de Família		Respostas (N)	Porcentagem (%)
	Foto nº. 01	03	18,75
	Foto nº.09	03	18,75
	Foto nº.05	02	12,50
	Foto nº.10	02	12,50
	Foto nº. 11	02	12,50
	Foto nº. 04	01	6,25
	Foto nº. 06	01	6,25
	Foto nº.07	01	6,25
	Foto nº.12	01	6,25
Total		16	100

As fotos de número 01 e 09, cujas imagens podem ser descritas, respectivamente, como a imagem da borboleta e a mulher grávida com uma adolescente, apresentaram o mesmo percentual de respostas, computando 18,75%. As argumentações para a escolha dessas fotos, como não representativas de família, puderam ser explicitadas nas falas abaixo:

Foto 01. Esta foto representa pra mim a liberdade da qual não desfrutaremos mais quando assumimos a responsabilidade da família. Ter família e fazer parte dela implica em compromisso (G. 34 anos).

A foto 1 é maravilhosa, mas pessoalmente não acho que ela represente uma família, pelo contrário dá a impressão que se está a procura de uma família (M. 38 anos).

Não senti a presença da família nesta foto (foto 01) (J. 39 anos).

Foto 09: Ela me lembra a gravidez na adolescência, o que hoje em dia é muito comum mas, que traz conseqüências desastrosas para esses jovens (A. 42 anos).

Não escolheria a foto 09 pelo fato de estar mostrando uma moça muito jovem sendo preparada a ser mãe e não construir uma família (F. 40 anos).

Foto número 9 lembra violência, rompimento da infância, agressão (O. 37 anos).

As justificativas dadas pelas professoras pesquisadas permitem inferir que, aquilo que foge à norma, ao pré-estabelecido, é não-familiar; e, sendo não-familiar, não pode ser ancorado às representações que já existem. De acordo com Moscovici (2003, p.56) “o não-familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso”. Dessa maneira, ao se depararem com as imagens e terem que escolher apenas uma delas, começam a comparar as fotos extraídas de vários anúncios com as imagens de família que permeiam seu imaginário. O estar frente a frente com a foto, instiga a repensar os comportamentos e as crenças que têm no que se refere à temática família; assunto da pesquisa em questão. Pode-se perceber que o pensamento social está muito mais ligado à convenção e à memória do que à razão, ele deve muito mais às estruturas tradicionais do que às estruturas intelectuais ou perceptivas correntes (MOSCOVICI, 2003). Com relação aos nomes dados às fotos escolhidas, as mesmas foram denominadas como “natureza”, “ilusão da liberdade”, “busca interminável”, “violência” e “incerteza”.

As fotos de números 05 (família tradicional extensa), número 10 (homem com uma criança) e a de número 11 (família tradicional de 1932) apresentaram o mesmo quantitativo numérico, quando foram escolhidas como não representativas de família, o que forneceu um

percentual de 12,5%. As respostas das professoras para a escolha dessas imagens podem ser ilustradas através das seguintes falas:

Foto 05: Muitas vezes famílias tradicionais como essa apresenta, vive muita de aparências, deixando de lado os fatores mais importantes como a união, por exemplo (H. 33 anos).

Retrata a família toda reunida, que me traz recordações e saudade, pois muitos já faleceram e outros moram distantes. Por isso fico triste (W. 34 anos).

As duas falas ilustraram perspectivas diferenciadas quando relataram se tratar de uma família que vive de aparências e, por outro lado, retratar a saudade que algumas pessoas sentem de quando a família estava toda reunida. Em relação à foto de número 10, as justificativas foram exemplificadas, a partir das seguintes falas:

A foto número 10. Esta foto me lembra dos filhos que convive com pais separados e que geralmente o pai não tem tempo para dedicar a seus filhos (B. 41 anos).

Foto 10: Marcando o tempo. Essa figura dá dupla interpretação. Pai separado ou pai com tempo determinado. Ele está com o filho, mas tem um tempo determinado. Aqui me refiro à questão de estar separado, pois se eles estiverem com a mãe, juntos, o tempo não tem nada a ver. Parece que está cobrando o tempo, caso o pai seja um empresário, por exemplo. Apesar de que parece que eles estão felizes, porque estão sorrindo (K. 48 anos).

As duas respostas evidenciaram a questão do pai estar separado da mãe e tendo que estar com o filho por um tempo determinado. Dentro da teoria das Representações Sociais, essas respostas se encontram ancoradas na idéia construída e consolidada, pela sociedade, de que se o pai se separa da mãe, ele terá pouco tempo para conviver com os filhos. Vale ressaltar que, atualmente, essa visão vem sendo modificada pois, a própria mídia televisiva tem divulgado associações constituídas por homens que estão tentando resgatar o seu lugar de pai junto à criança, como a Associação de Pais e Mães Separados, a APASE, de São Paulo. Essas pessoas se organizam em associações para lutarem pelos direitos de desfrutarem

momentos com os seus filhos, por reconhecerem a necessidade da convivência das crianças com ambos os genitores.

Dessa forma, percebe-se que a cultura incita o repensar das representações que se tem e que se dê lugar para que novas representações sejam construídas, já que o homem/ pai, está tentando reverter e resgatar a sua função paterna, ao lado dos filhos, o que não implica, necessariamente, o retorno à convivência conjugal.

A foto de número 11, que apresentou o mesmo percentual das duas fotos analisadas anteriormente, ou seja, 12,5%, teve como justificativa para não ser representativas de famílias, as seguintes respostas:

Ela mostra a família, deixando transparecer totalmente uma certa repressão, autoritarismo, tudo o que eu não considero como família (C. 39 anos).

Pessoas muito sérias em atitude impessoal. Família antiga, muito tradicional onde os filhos sempre obedecem, basta notar que as vestes são semelhantes e as expressões faciais também (H. 33 anos).

As alegações partiram do princípio de que remetiam à repressão e o autoritarismo vivenciado nessa forma de organização familiar, datada de 1932; características que, segundo elas, não retratariam o sentido verdadeiro do termo família. A partir da teoria das Representações Sociais, pôde-se concluir que, na análise das fotos de números 5, 10 e 11, o referencial de família, para essas professoras, vem sendo modificado e se percebeu certa flexibilidade ao tentarem conceituar o que seja uma família. Em relação aos nomes dados às imagens, eles também forneceram indícios para a análise qualitativa do instrumento. Referente à foto 5, as imagens foram nomeadas como “nossa família”, “Saudade”; a foto 10 recebeu o nome de “hora marcada” e a foto 11, “autoritarismo” e “patriarcalismo”.

As demais fotos, respectivamente as de número 04, 06, 07 e 12, apresentaram o percentual de 6,25%. Delineando as justificativas, para a foto 04, descrita como mulher com os olhos fixos nos olhos de um bebê, apresenta-se a seguinte fala:

Porque é contrária da foto 01, ela nos transmite angústia, tristeza, solidão, expectativa de como será o futuro (Z. 43 anos).

A comparação feita em relação à imagem da borboleta (foto 01) incita a pensar que a borboleta pode representar a liberdade, a possibilidade de alçar novos vãos e, dentro desse contexto, a maternidade independente poderia vir a representar uma nova condição, o que instiga a pensar na colocação feita pela professora, ao utilizar os termos *angústia, tristeza, solidão, expectativa de como será o futuro*.

As fotos de número 06 e 12 foram analisadas em conjunto, pois são fotos da organização familiar constituída por casal homossexual, com exemplo de união feminina e masculina. Elas também apresentaram o mesmo percentual de 6,25%, mas causaram certa “estranheza” entre algumas professoras pesquisadas. Algumas professoras chegaram a expressar que as fotos 06 e 12 nem deveriam fazer parte do material de pesquisa que estava sendo apresentado. Essa percepção pôde ser exemplificada a partir das falas abaixo:

Foto 06 e 12: Não gostei, pois Deus criou o homem para ser companheiro da mulher. Essa família não provém do senhor (Y. 44 anos).

Foto 12. Porque está faltando a figura do pai que é muito importante na estrutura familiar (P. 30 anos)

As respostas permitiram refletir sobre o quanto essa forma específica de organização familiar incomoda, ainda que se saiba que elas existam na sociedade. Nas figuras em si, não

há nada de extremado, mas parece que, o simples fato de não ter uma das figuras, ou um homem ou uma mulher, já deixa clara a aversão causada e o preconceito exposto diante dessa composição familiar. No texto de Duveen (1995, p.262), destaca-se que “o mundo, tal como nós o conhecemos, é o mundo que nós construímos através de nossas operações psicológicas” e o mundo construído e compartilhado pelas pessoas que compõem a sociedade é um mundo heterossexual, cuja família deve ser constituída a partir do casamento e os filhos devem ser criados pelo pai e pela mãe, cabendo mais a essa última, o cuidado mais permanente. Além disso, não se discutem as relações de gênero estabelecidas entre homens e mulheres. Preocupados demais com a composição familiar, o ser humano se esquece, muitas vezes, de pensar no componente afetivo que deve permear toda e qualquer relação/interação.

Toda e qualquer Representação Social é um construção social que ocorre, a partir do momento que há comunicação com as outras pessoas; mas elas não são criadas somente pela comunicação interpessoal. O que a mídia televisiva divulga e o que a imprensa escrita relata, também comunica algo e a isso damos sentido para que possamos pautar nossa conduta a partir de algum referencial. Quando da aplicação deste instrumento, essa foto, para algumas professoras, em especial, parecia uma “aberração”, como se não pudesse fazer parte do instrumento denominado Álbum das Famílias. Isso se tornou mais claro, quando foram nomear as figuras e os seguintes termos foram utilizados: “tristeza”, “morte” e “uma família diferente”. Aparecem três nomes, porque uma das professoras fez questão de evidenciar que as fotos 06 e 12, na opinião dela, não representariam uma família.

A última foto a ser analisada, é a de número 07 e também apresentou o percentual de 6,25%. Sua figura pode ser descrita como uma mulher com duas crianças no colo. A resposta para a escolha dessa foto, como não representativa de família, pôde ser conhecida pela fala abaixo:

Na foto 7 Está faltando alguém, essa família não está completa, esse fato desfaz uma felicidade (E. 32 anos).

Essa justificativa leva à reflexão a respeito de que: será que só é feliz a família composta por pai, mãe e filhos? O que dizer das pessoas que não conseguiram ou que não quiseram essa forma de organização familiar? Será que pode-se afirmar que elas são infelizes? A imagem da família nuclear, tradicional, veiculada e construída para pautar a conduta do ser humano, leva a pensar que tudo que é bem organizado, bem delimitado e que segue regras, é que garante a felicidade. Ao se pensar em termos de desenvolvimento humano, cada ser é único, específico e não se pode garantir que todos sintam e ajam da mesma maneira, ou seja, cada pessoa tem uma forma de perceber o mundo que a cerca e, dessa forma, cada pessoa constrói o seu próprio conceito de felicidade e, também o de família.

Com isso, pôde-se concluir que a teoria das Representações Sociais permitiu conhecer, re-conhecer, construir e re-construir imagens e linguagens acerca dos temas que emergem e que incomodam o sistema social. Dessa maneira, Moscovici (2003) ao propor a teoria, oportuniza às pessoas que se dedicam à pesquisa, promover uma mudança dos interesses humanos e a capacidade de poder gerar novas formas de comunicação, o que poderá resultar na emergência de novas representações, e, pelos processos de objetivação e ancoragem, farão com que as pessoas consigam entender porque pensam o que pensam a respeito daquilo que as incomoda. Se as Representações Sociais servem para tornar o não-familiar em algo familiar, os resultados obtidos com a análise elaborada nos dão indícios de que há a necessidade de continuidade de pesquisas a respeito da temática família. No álbum foram colocadas doze imagens e todas elas foram escolhidas pelas professoras participantes da pesquisa, ora como representativo de família, ora como algo que não tem relação direta com a família e, por isso mesmo, não pode representá-la. Mas, o que é família? O dicionário traz: “pessoas aparentadas

que vivem, geralmente, na mesma casa, particularmente, o pai, a mãe e os filhos. Pessoas do mesmo sangue” (FERREIRA, 2004, p.396). Pela própria definição do dicionário, foram encontrados dois termos que levam a repensar a representação de família, quais sejam: geralmente e particularmente. Percebe-se, então, que a linguagem e, muito mais importante, seu entendimento, devem permear o pensamento para que a conduta seja condizente com a fala.

Parafraseando Passos (2003), numa sociedade onde os valores de referência são derivados do eu, a família se torna importante à medida em que possibilita a seus membros constituírem-se como sujeitos autônomos. Esta função da família evidencia suas contradições internas, pois ao mesmo tempo em que afirma a necessidade dos laços de dependência, ela os nega. Ainda que seja uma instituição das mais antigas, pode-se afirmar que, independente de sua configuração, a família continuará a existir e irá perdurar, ainda que novas transformações venham a acontecer e peçam para que, mais uma vez, ela reveja suas funções e, quem sabe, sua forma de organização.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor já nasce inserido em seu cotidiano. A vida diária não está fora da história, mas, ao contrário, está no centro do acontecer histórico. Como todo indivíduo, o professor é simultaneamente um ser particular e um ser genérico. Isto significa dizer que quase toda a sua atividade tem caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. No seu cotidiano ele trabalha com estas duas forças: as que vêm das generalizações da sua função e as que partem dele enquanto individualidade. Nem sempre ambas caminham no mesmo sentido. Muitas vezes é do conflito entre elas que se origina a mudança das atitudes do professor.

(Cunha, 2003)

A importância de uma pesquisa reside no fato de poder proporcionar a ampliação da visão de mundo, ao mesmo tempo em que coloca o pesquisador em contato com seu próprio pensamento. Isso significa que o processo investigativo viabiliza a oportunidade do próprio investigador repensar a sua prática cotidiana, num processo incessante de busca por novos conhecimentos e aplicações práticas, a partir da análise dos resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos.

Quando foi proposta a investigação das “Representações Sociais de Família para um Grupo de Professoras do Ensino Fundamental da Cidade de Araguari-MG”, 16 professoras parecia ser um número reduzido, considerando o objeto de estudo que é o das Representações Sociais; porém, como foram utilizados quatro instrumentos com linguagens diferenciadas (Situação Cotidiana / Escolar, Situação Notícia, Música Família e Álbum das Famílias), foi possível obter o conhecimento das Representações Sociais de família dessas professoras. Não foi interesse, nessa pesquisa, generalizar os resultados; portanto, o número de sujeitos em 16 ofereceu, a partir dos resultados, alternativas para se repensar a formação dos professores, bem como a própria Representação Social de família, que permeia o pensamento das pessoas.

É preciso ressaltar que se elas possuem determinados posicionamentos frente às situações que foram apresentadas, não se pode deixar de levar em consideração o processo de formação que as auxiliou na construção de sua história profissional e pessoal. O professor formador é co-responsável por formar educadores mais críticos, visto que esse docente deve acompanhar as transformações que ocorrem na história e na sociedade, não podendo deixar de discutí-las com seus futuros professores. Dessa maneira, a pesquisa ora realizada permitirá uma melhor discussão dos temas que se encontram tanto no âmbito da Psicologia quanto da Educação. É preciso ainda ter em mente, que não se está fazendo referência à psicologia dos psicólogos clínicos, empregada nos consultórios particulares; mas o pensamento está voltado para a importância social que deve dimensionar os estudos abrangidos pela psicologia, neste caso, psicologia do desenvolvimento, da aprendizagem e psicologia social, para que se possam formar pessoas mais receptivas e sensíveis às mudanças.

Ao proceder a análise dos dados, foi possível, também, repensar a atuação enquanto professora da disciplina de Psicologia Educacional e Formação Docente, em virtude de ter que (re) descobrir qual era a concepção de família que se trazia implícita dentro da visão de Homem e de mundo. Foi importante que esta clareza fosse estabelecida, para que não colocasse na resposta dada pelas professoras, uma interpretação, baseada apenas no pensamento particular. Esta sensação de ter que, ao mesmo tempo, afastar e aproximar, do objeto de pesquisa, favoreceu o desenvolvimento de um senso crítico onde se pôde perceber a importância de se ouvir pontos de vista diferentes ou semelhantes.

A partir dos resultados obtidos com a aplicação dos quatro instrumentos – situação cotidiana / escolar; situação notícia; música família e álbum das famílias – foi possível identificar as Representações Sociais de família. Foi notório perceber o quanto ainda predomina o pensamento cristalizado em torno da família nuclear / tradicional, mesmo após tantas transformações históricas; algumas veiculadas pela própria mídia, outras já sob forma

de textos a serem discutidos em salas de aula de 1ª a 4ª série nos materiais didáticos, relatando as modificações quanto aos papéis sociais dos membros dessas famílias e suas várias organizações. Dessa maneira, percebeu-se que as Representações Sociais de família, para esse grupo de professoras ainda têm, em sua maioria, uma conotação de tradicionalismo para que seja considerada uma família, em seu sentido pleno.

Resgatando algumas respostas mais enfáticas acerca de cada uma das situações apresentadas às professoras pesquisadas, no que se refere à situação cotidiana / escolar, houve discrepância nas respostas, quando elas tiveram que se posicionar no lugar da criança relatada na estória e ao retomarem seus papéis de professoras da mesma criança. Ao se posicionarem no lugar do outro, foi possível vislumbrar qual seria a provável reação e a grande maioria (50%) respondeu que reagiria como Carolina, não participando das atividades, sendo retraída e tímida. É mister considerar que são professoras que viveram em sua adolescência, no contexto das transformações, entre as décadas de sessenta e oitenta; era de se esperar que fossem mais audaciosas e não aceitassem, talvez, a situação vivida pela protagonista Carolina. Pode-se pensar, a partir dessas respostas, que as professoras até percebem algumas crianças com esse tipo de comportamento em suas salas de aula. Mas de acordo com falas assistemáticas das próprias professoras, em conversas informais durante a realização da pesquisa e mesmo nas discussões na faculdade, onde algumas foram alunas no curso de formação de professores, a questão da abordagem acerca da configuração familiar do aluno somente é realizada quando outros recursos foram esgotados e alguns rótulos já foram colocados: “essa criança é desinteressada”, “ela é tímida mesmo”.

Sabe-se que não é possível atender à grande demanda de problemas que o setor educacional enfrenta como professores despreparados, baixos salários e conhecimento a respeito de seus próprios alunos. Porém, se o professor consegue obter informações sobre quem é o responsável ou quem poderá acompanhar a criança durante esse período de

aprendizagem, as tarefas passam a ser divididas e a escola deixa de ter um fardo tão pesado a ser carregado, que é o ter que educar e cuidar de todos os seus alunos. Em contrapartida, ao retomarem o lugar de professoras e ao saberem da situação da Carolina através do bilhete, 43,75% afirmaram que mudariam o jeito de trabalhar com essa criança. Dessa maneira, num primeiro momento, trabalhou-se com a imagem de uma criança que “não quer fazer nada”, sem o conhecimento do real motivo, para, num momento posterior, reverter essa imagem da mesma criança, visto que outras informações vieram complementar sua história de vida.

Como foi dito, na análise da situação cotidiana / escolar, o professor exerce influência inegável sobre seus alunos e, desse modo, o fato de mudar sua postura pedagógica pode fazer toda a diferença na vida de uma criança e até mesmo, em sua própria vida, considerando que, se houve mudança em seu modo de agir, como mencionado nas respostas, foi porque houve a necessidade de repensar e refazer as imagens criadas anteriormente.

Enxergar a mesma realidade sob vários vértices, pode ser uma das maneiras de se entender o fenômeno das Representações Sociais, visto que a teoria é construída a partir de um conjunto de idéias e significados que possuímos acerca da realidade. Dessa maneira, o que se pôde concluir desse instrumento número 01 é que há uma necessidade de se repensar a relação família / escola, a partir das representações das professoras que atuam em sala de aula, para que se possa promover uma reflexão que se concretize em mudança de atitude para oferecer espaço à construção de novas Representações Sociais. Mais uma vez, evidencia-se a necessidade de uma equipe multidisciplinar para auxiliar no trabalho de interlocução entre família e escola.

Em relação ao segundo instrumento, a situação notícia, pôde-se concluir que houve uma certa distância entre o que acontece nas salas de aula e a realidade que as professoras gostariam que existisse. O questionamento a respeito da desestrutura familiar que estaria sendo retratada na notícia veiculada, revelou a imagem da família que se encontra fora dos

padrões considerados “normais”, para que seja chamada de família: mora na favela, cada um cuida de si e, em geral, a mãe é a provedora e cuidadora do lar. Essa é uma imagem que vem sendo observada desde os anos 80, início da entrada da mulher para o mercado de trabalho; o que exigiu uma mudança nos papéis sociais assumidos por homens e mulheres e, por pais e mães, quando realizam essa função. Portanto, a desestrutura, na opinião das professoras pesquisadas (37,5%), estaria se refletindo no fato de os pais terem que sair para trabalhar deixando seus filhos sob o cuidado de terceiros, incluídos nesse grupo, as creches, pré-escolas, a escolas infantis e as babás.

Pode-se inferir que nenhuma das pessoas envolvidas – tanto os pais quanto às professoras – se encontram preparadas para lidar com a imagem das novas famílias que adentram na realidade social. Observa-se que ambos os pais trabalham fora para que possam garantir o desenvolvimento e a sobrevivência de seus filhos, considerando que vivemos em uma sociedade capitalista em que a desigualdade social abre espaços entre as pessoas. O que não se deve esquecer é que, para as camadas populares, mesmo que não tenham tempo disponível para acompanharem mais amiúde o desempenho de seus filhos na escola, depositam nela toda esperança de um futuro diferenciado, para as crianças que a freqüentam.

Um outro item, que obteve um percentual considerado elevado (25%), justifica a desestrutura familiar através da falta de religião ou de Deus na vida das pessoas. Sabe-se que a igreja é uma instituição que agrega valores e que, em muitos casos, pauta a conduta dos indivíduos exercendo uma influência direta em seu comportamento. Nesse ponto, a teoria das Representações Sociais encontra campo fértil para atuação e pesquisa, no sentido de permitir a reflexão a respeito do que já existe sobre família, bem como fornecer indícios para que novas Representações Sociais possam ser construídas. Não podemos esquecer que as Representações Sociais envolvem crenças, valores e imagens, relacionando estes aspectos entre si, procurando explicar de que modo estes elementos surgem na consciência dos

indivíduos. Assim, as notícias sociais trazem ao nosso conhecimento o que acontece no mundo e como lidamos com estes fatos, já que, direta ou indiretamente, eles afetam o comportamento e a própria Representação Social do ser humano.

Ao se analisar a letra da música família, do grupo Titãs, percebeu-se que, mais uma vez, a família tradicional voltou a aparecer como categoria de resposta mais enfática (43,75%), porém, outras categorias de respostas, como família unida e família que apenas dividem o mesmo espaço, apresentaram um percentual alto, em comparação com os outros instrumentos que apresentaram respostas bem divididas. Na verdade, a letra “brinca” com o conceito de família mostrando a necessidade de rever os padrões nos quais tenta-se encaixar os sujeitos pertencentes à sociedade. As mudanças aconteceram e se refletem até hoje nas dinâmicas relacionais e familiares das pessoas. Alguns ainda não se acostumaram com a independência adquirida pela mulher a partir de sua entrada para o mercado de trabalho e com as novas funções assumidas por homens e mulheres nos papéis de pai e mãe, respectivamente. As representações do pai provedor e da mãe cuidadora dos filhos e do lar cedeu espaço para que novas representações pudessem ser elaboradas, cujo entendimento deve estar permeado pela divisão equitativa de tarefas, independente de ser homem ou mulher a executar a tarefa a ser feita.

Interessante citar que, recentemente, a letra foi trabalhada em uma escola, que não estava participando da pesquisa, com questionamentos parecidos aos utilizados no instrumento. Isso significa que, preocupações a respeito de que tipo de formação deve ser oferecida às crianças, começam a ser cogitadas, ainda que de modo tímido; mas, pelo menos, é uma oportunidade de construção e quem sabe, reconstrução de Representações Sociais.

O último instrumento a ser aplicado e analisado foi o Álbum das Famílias, que também apresentou como foto representativa de família, aquela composta pelas figuras masculina, feminina e uma criança, (31,25%) o que confirma a hegemonia da família nuclear

em detrimento de outras configurações familiares constantes do álbum. No item referente à escolha da foto que não seria representativo de família, a opinião das professoras pesquisadas, mostrou percentuais não muito diferenciados, mas todas as fotos escolhidas apresentavam apenas um dos progenitores, ou então, era composta pelo casal homossexual. Esse instrumento permitiu inferências acerca das representações que permeiam o imaginário das professoras pesquisadas, considerando que em suas salas de aula, conhecendo ou não a realidade de seus alunos, elas podem estar convivendo com essas configurações familiares que foram “descartadas”, como podendo ser representativa de família. Esse é um aspecto que merece ser mencionado e discutido, pois as famílias monoparentais, que podem ser constituídas a partir da produção independente ou quando há o divórcio, devem fazer parte da pauta de reflexão a respeito do conceito de família. Como foi mencionado no corpo teórico do texto, no caso do divórcio, a criança ficava automaticamente com a mãe até pouco tempo, mas já existem projetos que aconselham a guarda compartilhada bem como associações de pais e mães separados que já estão reivindicando os direitos de conviverem com seus filhos, em prol do desenvolvimento emocional saudável.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2003, ano em que 183 homens pleitearam a guarda dos filhos na Justiça (contra 136 mulheres), um único pai obteve esse direito na capital. As crianças ficaram com as mães em 574 dos 575 divórcios concedidos em 1ª instância em Goiânia em 2002. Esse quadro não é “privilegio” de Goiás. Tanto que proliferam por todo o País movimentos e associações voltados para a defesa dos direitos desses pais. Só sob a sigla APASE, são dez unidades e pelo menos três mil simpatizantes. É relevante pensar que as transformações sociais, econômicas e culturais ainda continuam a acontecer e elas fornecem informações que, discutidas entre as pessoas, além de promover a comunicação entre elas, favorece também o repensar das Representações Sociais. Elas emergem, portanto, como processo que ao mesmo

tempo desafia e reproduz, repete e supera, que é formado, mas que também ajuda a formar a vida social de uma comunidade (JOVCHELOVITCH, 2002)

Nas APASES, são desenvolvidas atividades relativas à igualdade de direitos entre homens e mulheres nas relações com os filhos após o divórcio, difundindo a idéia de que filhos de pais separados têm o direito de serem criados por qualquer um dos genitores sem discriminação de sexo, priorizando o desenvolvimento psico-social da criança. Nesse ponto, as famílias de pais separados merecem ser discutidas no âmbito educativo, para que não continue “imperando” a falsa idéia de que só há uma única maneira de ser família. Um outro ponto nevrálgico, além dos casais separados, são as famílias homoparentais, constituídas por casais masculinos ou femininos.

No caso específico das famílias homossexuais, além do preconceito social, explícito ou implícito, temos a intervenção da religiosidade, aspecto mencionado quando da aplicação do instrumento número 02 – Situação Notícia e instrumento 03 - a Música Família. A igreja católica, até hoje, possui uma visão de família ideal que é representada pela família tradicional demonstrando que ainda não se encontra aberta para lidar com as diferenças e, sendo uma instituição que dita regras para pautar a conduta dos indivíduos, interfere diretamente na construção de suas Representações Sociais.

Com isso, pode-se afirmar que a Representação Social, ao estudar as idéias que os indivíduos constroem sobre o mundo, estará considerando o lugar que esse mesmo indivíduo ocupa. Ainda em relação às famílias homossexuais, é importante lembrar que a legislação brasileira não reconhece, por enquanto, essa forma de união, mas já existem casos de juízes que deram parecer favorável à adoção de crianças por casais homossexuais masculinos e femininos. De acordo com reportagens veiculadas na mídia, os casais *gays* contornam a situação e conseguem adotar uma criança quando um dos parceiros, possuindo os requisitos

necessários - ter mais de 21 anos e conduta social adequada, independentemente do estado civil – assume sozinho, a responsabilidade pela criança adotada.

No caso das professoras estudadas, essa pesquisa permitiu conhecer quais são as Representações Sociais de família, confirmando, ainda, a preocupação observada durante a prática como docente universitária de que o discurso teórico é moderno e flexível, mas quando é momento de declarar abertamente seu pensamento, o discurso não se sustenta, permanecendo a representação construída de que a família ideal é a família nuclear. Nesse ponto, é mister desenvolver um trabalho de reflexão com o professor, considerando que sua atuação em sala de aula irá se refletir na construção das Representações Sociais de seus alunos de 1ª a 4ª série; período no qual a criança está em contato com outros adultos, além dos seus cuidadores, e seu processo de socialização exige que ela aprenda as habilidades para pertencer ao “mundo de gente grande”.

A partir dos resultados das respostas dadas a cada instrumento, foi possível, justamente em virtude de oferecerem linguagens diferenciadas, que o pensamento fosse conhecido e que fosse concluído que foram poucas as professoras que conseguiram perceber as organizações familiares diferentes que se fazem presentes nesse contexto, enquanto a maioria ainda visualiza a família tradicional como padrão de comportamento familiar a ser seguido. Essa é a visão que permeia o imaginário das professoras pesquisadas, e isso causa preocupação visto que elas passam quatro horas e meia com um grupo de crianças e se tornam figura representativa para elas e, à medida que vão se comunicando com as crianças, vão-lhes ensinando a darem sentido ao mundo. Mas qual sentido? O real passível e possível de ser discutido ou o sentido figurado que permite a elas esconderem-se atrás de falsas Representações Sociais que não condizem com os acontecimentos cotidianos?

Concluindo, as famílias foram predominantemente representadas como tradicionais. Ainda que as professoras consigam perceber em seu cotidiano as inúmeras formas das pessoas

se organizarem para agrupar-se enquanto família, o ideal é que sejam compostos por pai, mãe e filhos, todos sob o mesmo teto e, de preferência, com o respaldo religioso para que consigam realizar suas funções. Não se é contra ou a favor de alguma forma específica de organização familiar, mas acredita-se que deve ocorrer uma sensibilização e uma reflexão acerca do que ocorre no contexto social e como deve lidar, ou melhor, como se percebe essas transformações que, cotidianamente, atravessam nossas vidas. Nesse ponto, a interlocução entre a Psicologia Educacional e a Psicologia Social se faz importante, pois, ao entender as relações que se estabelecem com as pessoas, como se processa o desenvolvimento e como se constroem valores e crenças, há a capacidade de elaborar Representações Sociais pertinentes à realidade a qual pertencem e passam a compreender que é pelo conflito que processam as mudanças necessárias e adequadas à nossa vida. Na escola, essa dinâmica interacional deve ganhar uma outra dimensão, visto que as professoras irão compartilhar linguagens e sentidos de mundo diversos que serão auxiliares na elaboração, construção e, caso necessário, na reconstrução das Representações Sociais, juntamente com seus alunos e suas respectivas famílias.

Parafraseando Moscovici (2003), o intuito da teoria das Representações Sociais é muito claro, já que assume como seu centro a comunicação e as representações, esperando elucidar os elos que unem tanto a psicologia humana quanto as questões sociais e culturais contemporâneas. Tudo aquilo que parece fugir do seu curso normal assusta, ao mesmo tempo em que incita. Tudo que se desvia do familiar, coloca em ação, a busca por um sentido que traga a familiaridade de volta. Dessa forma, a motivação para que se elabore as Representações Sociais nada mais é do que a construção de uma ponte que faça a junção entre o estranho e o familiar, na medida em que o estranho é a pressuposição de que há uma falta de comunicação dentro do grupo em relação aos acontecimentos do mundo. A procura pelo familiar, a partir das situações consideradas estranhas ou não-familiares, nada mais é do que a

tendência para o conservadorismo, para a confirmação de um conteúdo considerado como significativo. Mas, é justamente o oposto que deve ser procurado, pois ao se depararem com algo que é não-familiar, deve-se partir para a especulação e buscar sua origem, quem sabe a partir desse ponto, as pessoas se tornem mais flexíveis e mais críticas de suas crenças.

Acredita-se que essa pesquisa abra caminhos para que o tema família seja abordado e discutido sob outros vértices, como a Sociologia, Antropologia, e ainda dentro da própria Psicologia, bem como oferece suporte para a realização de projeto de intervenção psicoeducacional capaz de mobilizar e sensibilizar as professoras para que possam rever sua atuação pedagógica, tomando o conhecimento acerca da dinâmica familiar de seus alunos como ponto de referência para seu trabalho em sala de aula.

6 - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. O.; CUNHA, G. G. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicologia Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 7 set.2004.

AMAZONAS, M. C. L.; DAMASCENO, P. R.; TERTO, L. M. S.; SILVA, R. R. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8 Número Especial p.11-20, 2003.

AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1999.

ANDRE, M. (Org.). Pesquisa, formação e prática docente. In: _____ **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001. cap. 3, p. 55-69.

ANTUNES, C. A força do arco-íris. **Veja**, São Paulo, v. 36, n. 25, jun. 2003. p.73-81

ARAÚJO, C. V. F. O. Pai, mãe e filho: reflexões sobre família e educação na modernidade. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 100-111, 2002.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MÃES SEPARADOS. Disponível em: <<http://www.apase.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1975.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. A escola. In: _____. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 261-275

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. v. 10, 164 p.

CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário técnico de psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1992. 409 p.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. S. Representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. **Resumo de comunicação científica**. Florianópolis: SBP, 2002. p.237.

CHUNG, M. **Representações de professores de uma escola pública sobre famílias de seus alunos**. 1998. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 1998.

CIRINO, O. Desaparecimento da infância? In: _____. **Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p: 42-47

CRUZ, S. H. V. Representação de escola e trajetória escolar. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 7 set.2004.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 15 ed. Campinas: Papirus, 2003. 184 p.

DARIN, A.; MEDEIROS, I. **Geografia**. São Paulo: IBEP, 2001. 144 p. (Vitória régia)

DONATONI, A. R. A formação do professor de 1ª a 4ª série. In: UTSUMI, M. C. (Org.) **Entrelaçando saberes: contribuições para a formação de professores e as prática escolares**. Florianópolis: Insular, 2002. p.93-109.

DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 7 ed. Petrópolis Vozes, 2002. p. 261-293.

FAMÍLIA. **Folha de São Paulo**, 20 set.1998. Caderno Especial, p.A 1-16

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Posigraf, 2004. 895 p.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8 Número Especial, 2003. p.31-38.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n.121, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo>> Acesso em: 7 set. 2004.

FUNDAÇÃO ITAÚ ONG: **Parceira da família**, São Paulo: CENPEC, 2002.

GAMA, A. S.; ARAÚJO, A. T. S.; O.; SILVA, C. B.; OLMÍ, F. V.; ALMEIDA, M. F. M. DESSANDRE, S. A. B. O mito da família desestruturada nas chamadas “dificuldades de aprendizagem”. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 32, 2002 Florianópolis, SC. 2002. **Resumo de Comunicação Científica**. p.241.

GOULART, I. B. **Psicologia da educação**: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1999. 198 p.

GREGOLIN, M. R. **Os caminhos da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2001.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 7 ed. Petrópolis Vozes, 2002. 324 p.

JOSE, E. A. J. ; COELHO, M. T. A importância da observação do escolar. In: **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 7 ed. Petrópolis Vozes, 2002. 324 p.

LAROCCA, P. **Psicologia na formação docente**. São Paulo: Alínea, 1999. 220 p.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L. **Viver e aprender**: geografia. São Paulo: Saraiva, 2001.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAS GERAIS. Secretaria Estadual de Educação. **Programa de Capacitação de Professores** - PROCAP. Belo Horizonte, 2001

MOSCOVICI, S. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 404p.

NIKK, L. Families and schools: an essential partnership. 1996. Disponível em <<http://www.eric.ed.br>> Acesso em: 08 jan.2005.

NOGUEIRA, M. A. Relação família – escola: novo objeto na sociologia da educação. **Paidéia**, São Paulo, v. 8, n. 14/15, p.91-103, fev./ago., 1998.

NOVAES, M. H. **Psicologia escolar**. Petrópolis: Vozes, 1970.

NOVAES, M. H. A convivência em novos espaços e tempos educativos. In: GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia escolar, LDB e educação**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2002. p.91-102.

NUNES, D. G.; VILARINHO, L. R. G. “Família Possível” na relação escola – comunidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.21-29, 2001.

PASSOS, M. P. Família: o que muda e o que permanece em diferentes configurações.

Cadernos de Psicologia, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 31-43, dez. 2002.

PASSOS, M. C. A família não é mais aquela: alguns indicadores para pensar suas transformações. In: Carneiro, T.F. (Org.) **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Loyola, 2003. p.13-25.

PEÇANHA, D. L.; FERNANDES, J. V. S. O desenvolvimento da criança com câncer e o funcionamento psicológico de sua família. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 33, 2003, Belo Horizonte. **Resumos de comunicações científicas**. Ribeirão Preto: SBP, 2003. p. 132

PEIXOTO, M. L.; ZATTAR, S. M. **Bom tempo: estudos sociais**. São Paulo: Moderna, 1993.

REGO, T. C. R. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1998. p.49-71

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 199 p.

RODRIGUES, A. **Psicologia social**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 447 p.

RUDIO, F. V. O processo educativo e a identidade psicológica do educando. In: _____
Compreensão humana e ajuda ao outro. Petrópolis: Vozes, 1999. cap. 4, p. 62-84.

SADALLA, A. M. F. A.; SARETTA, P. & ESCHER, C. A. Análise de crenças e suas implicações para a educação. In: AZZI, R. G. & SADALLA, A. M. F. A. **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 93-112.

SADALLA, A. M. F. A. **Com a palavra a professora: suas crenças e suas ações**. Campinas: Alínea, 1998. 136 p.

SOUSA, C. P. Estudos de representações sociais em educação. **Revista Psicologia da Educação**. São Paulo, v. 14/15, p.285-323, 2002.

SOUZA, R. M. A criança na família em transformação: um pouco de reflexão e um convite à investigação. **Psicologia Revista**, São Paulo, n. 5, p. 33-51, dez.1997.

VESENTINI, J.W.; MARTINS, D.; PÉCOR, M. **História e geografia 1**. São Paulo: Ática, 2001.

THOMPSON, C. The future of family life. 1982. Disponível em <<http://www.eric.ed.br>>
Acesso em: 08 jan. 2005.

WAGNER, A. (Coord.) **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002. 191 p.

WAGNER, A. A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas, In: CARNEIRO, T. F. (Org.) **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Loyola, 2003. p.27-33.

7 - ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento para a Professora

Cara Professora,

Gostaria de poder contar com sua colaboração para a pesquisa sobre "Representações Sociais da Família para um grupo de professoras do ensino fundamental", realizada por mim, mestranda Ana Lúcia Costa e Silva e orientada pela Professora Doutora Cláudia Araújo da Cunha, ambas da Universidade Federal de Uberlândia.

Os objetivos da referente pesquisa são conhecer quais são as representações sociais de família dos professores do ensino fundamental a partir de algumas situações rotineiras que retratam tal temática. Para tanto, serão realizadas algumas sessões com a apresentação de algumas situações rotineiras para que você possa expressar a sua opinião. Suas respostas serão gravadas e/ou registradas por escrito, caso você autorize o uso do instrumento de gravação. Informo que você é livre para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem correr o risco de discriminação ou represália por parte dos pesquisadores, além de não ter despesas ou ônus para participar deste estudo. Informo, ainda, que os dados coletados serão utilizados para publicação científica, respeitando a identificação pessoal das participantes segundo a resolução do código de ética profissional, resolução 196. Para maiores informações, o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa é (34) 3239-4131, Uberlândia-MG.

Atenciosamente,

Ana Lúcia Costa e Silva
Pesquisadora responsável

Declaro, após ter lido os esclarecimentos acima explicitados, que concordo em participar da pesquisa coordenada por Ana Lúcia Costa e Silva.

Assinatura da Professora

Araguari-MG, _____ de _____ de 2004.

ANEXO B**Termo de Consentimento para a Secretária Municipal de Educação**

Eu, _____ Secretária Municipal de Educação, administração 2000/2004, RG: _____, estou ciente que os professores da rede municipal de ensino de Araguari-MG farão parte da pesquisa sobre Representações Sociais de Família para um grupo de professores do ensino fundamental”, realizada pela mestrande Ana Lúcia Costa e Silva e orientada pela professora Doutora Cláudia Araújo da Cunha, ambas da Universidade Federal de Uberlândia.

Os objetivos da referente pesquisa são conhecer quais são as representações sociais de família dos professores do ensino fundamental a partir de algumas situações rotineiras que retratam tal temática. Estou informado (a) de que: as professoras são livres para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento sem correr o risco de discriminação ou represália por parte dos pesquisadores, além de não ter despesas ou ônus para participar deste estudo.

Concordo que os professores sob minha responsabilidade sejam sujeitos da referida pesquisa, e estou ciente de que utilizarão os dados coletados para publicação científica, respeitando a identificação pessoal das mesmas, segundo a resolução do código de ética para pesquisa, resolução 196. Para maiores informações, o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa é (34) 3239-4131, Uberlândia-MG.

Assinatura

Araguari-MG, _____ de _____ de 2004.

ANEXO C -
CARTA DE APRESENTAÇÃO

Escola Municipal: _____

DD.Diretora _____

Gostaria de poder contar com sua colaboração para a pesquisa sobre “Representações Sociais de Família para um grupo de professoras do ensino fundamental”, realizada por mim, mestranda Ana Lúcia Costa e Silva e orientada pela Professora Doutora Cláudia Araújo da Cunha, ambas da Universidade Federal de Uberlândia.

Os objetivos da referente pesquisa são conhecer quais são as representações sociais de família dos professores do ensino fundamental a partir da apresentação de algumas situações rotineiras que retratam tal temática. Para tanto, solicito autorização para conversar e entrevistar os professores de sua escola, para que possa colher os dados necessários à minha pesquisa. A identidade dos professores será mantida em total sigilo e eles não terão ônus financeiro para participar do estudo proposto. A conclusão será publicada após a defesa da dissertação e os professores e a escola como um todo terão acesso aos resultados. Informo, ainda, que a Secretária de Educação, Sra. Maria Elionora Oliveira Scalia, já autorizou a execução do projeto e tem uma cópia do mesmo, caso seja de seu interesse fazer uma leitura do projeto.

Certa de poder contar com sua colaboração para a realização da pesquisa, agradeço desde já.

Atenciosamente.

Ana Lúcia Costa e Silva.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.